

Evolução do Potencial Produtivo e das Produtividades Agrícolas Portugal Continental – 1999-2009*

FRANCISCO CORDOVIL

Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV)

O *Recenseamento Agrícola de 2009* (INE, RA 2009) faculta uma estimativa do Valor da Produção Padrão (VPP) das explorações agrícolas, desagregado por atividades de produção agrícola vegetal e animal, baseada na multiplicação de valores unitários monetários da produção por hectare ou por cabeça natural ou normal dos efetivos pecuários pelas quantidades correspondentes. Os valores unitários da produção foram estimados ao nível regional (NUT II e Região Agrária) por atividades e como médias do quinquénio 2005-2009 dos preços de venda à porta da exploração. Neste sentido, a estimativa dos VPP pelo RA 2009 assume a hipótese de uniformidade das *produtividades*¹ das atividades agrícolas ao nível regional. Contudo, quando as atividades são agregadas num nível superior ao das estimativas do VPP as *produtividades* médias obtidas poderão variar territorialmente e por classes de dimensão das explorações.

Não se dispondo de uma estimativa do VPP para 1999, não é possível avaliar a evolução desta variável na década de 1999-2009. Apesar deste limitação, a conjugação da informação física dada pelos *Recenseamentos Agrícolas de 1999* e de 2009 com as produtividades para 2009 permite avaliar o impacto das alterações das áreas e dos efetivos pecuários ocorridas durante a década sobre o nível e composição do VPP de 2009.

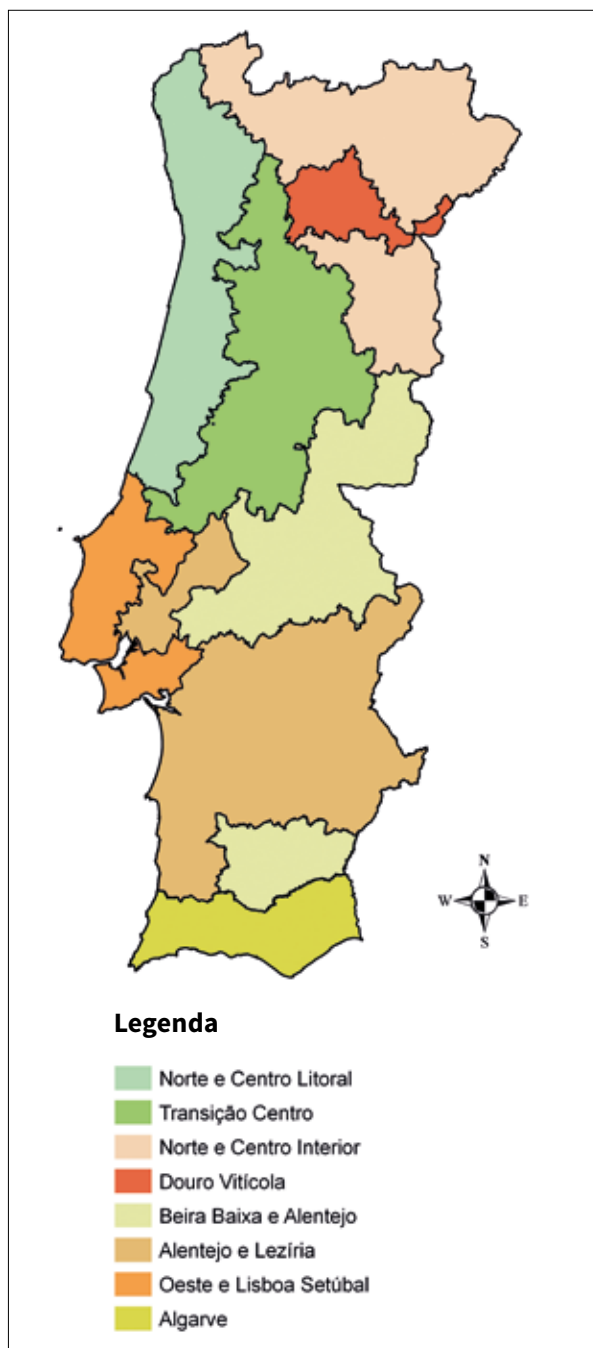
Neste sentido, criou-se uma base de dados com a informação dada pelo RA 2009 e a informação física disponibilizada pelo RA 1999, aditando-lhe uma estimativa do VPP para 1999 por multiplicação dos valores dos recursos (áreas ou efetivos pecuários) de suporte das atividades de produção vegetal e animal pelas produtividades de 2009. O VPP para 1999 corresponde ao que existiria em 2009 se os recursos físicos fossem os de 1999 e as produtividades as de 2009, designando-se por *potencial produtivo 1999*, referindo-se por analogia o VPP efetivo de 2009 como *potencial produtivo 2009*.

* Artigo de síntese do trabalho: F. Cordovil (2016), *Evolução do Potencial Produtivo e das Produtividades Agrícolas. Portugal Continental – 1999-2009*. INIAV I.P., Oeiras (inédito)

¹ No presente contexto, os valores unitários do VPP designam-se por produtividades.

Para explorar esta informação, construiu-se um modelo de análise da evolução da produção e das

Fig. 1 – Análise da Variação 1999-2009 do Potencial Produtivo Agrícola do Continente – Macro Territórios



produtividades agrícolas², com base no qual se procedeu à análise da variação 1999-2009 do potencial produtivo agrícola e das produtividades dos setores animal (herbívoros) e vegetal do Continente,

² F. Cordovil (2015), *Um Modelo de Análise da Evolução da Produção e das Produtividades Agrícolas*. INIAV I.P., Oeiras (inédito).

organizando a informação em cento e quarenta e quatro unidades de análise (*módulos produtivos*) resultantes da combinação da dimensão territorial (oito Macro Territórios) com as atividades produtivas³ (dezoito atividades, quatro do setor animal e catorze do setor vegetal).

Na tabela A apresentam-se as atividades produtivas, a respetiva classificação em treze grupos, para efeitos do diagnóstico de síntese e, ainda, a repartição de módulos produtivos por atividades.

A delimitação dos oito Macro Territórios (cf. figura 1) corresponde a um ajustamento da sistematização proposta num estudo anterior⁴ e visa conciliar o critério de economia e clareza da apresentação dos resultados com a perceção das principais diferenças dos territórios do Continente português em termos de potencial produtivo agrícola e da respetiva evolução nas últimas décadas⁵.

1. Potencial produtivo e produtividades agrícolas 1999-2009 – síntese inicial

Em 1999, o potencial produtivo do setor vegetal duplicava o do setor animal, representando dois terços do total. A desproporção dos setores vegetal e animal reflete-se na repercussão da variação do potencial de cada um deles no potencial agrícola do Continente. Embora as reduções em 1999-2009 do potencial produtivo dos setores vegetal e animal

³ Cf. a fundamentação da seleção das atividades e das estimativas do VPP em F. Cordovil, 2016.

⁴ J. Cabral Rolo e F. Cordovil (2014), *Rural, Agriculturas e Políticas*. Ed. Animar, Lisboa.

⁵ A identificação de duas evoluções contrastadas dos territórios do Alentejo, na década de 2000, justifica a sua partição por dois Macro Territórios: o da *Beira Baixa e Alentejo*, que junta as zonas do Alentejo onde se identificaram dinâmicas produtivas agrícolas mais negativas com a Beira Baixa; e o do *Alentejo e Lezíria* composto pelos territórios do Ribatejo e Alentejo que tiveram uma evolução mais positiva.

A. Variação do Potencial e das Produtividades Agrícolas - Portugal Continental 1999-2009
Sistematização da Informação para Análise, Modelização e Diagnóstico Síntese

Setor	Diagnóstico Síntese Grupo de Atividades	Organização dos Dados para Análise Empírica e Operacionalização dos Modelos		
		Nº de Atividades	Nº de Módulos Produtivos	Atividades
Animal	Vacas Leite	1	8	Vacas Leite
	Ovinos e Caprinos	1	8	Ovinos e Caprinos
	Outros Bovinos	1	8	Outros Bovinos
	Vacas Aleitantes	1	8	Vacas Aleitantes
Vegetal	Fruteiras Regadas	1	8	Fruteiras Regadas
	Vinha e Olival Regados	2	16	Vinha Regada; Olival Regado
	Horticultura Extensiva	1	8	Horticultura Extensiva
	Outras Culturas Temporárias Regadas	3	24	Milho e Arroz; Leguminosas Grão e Batata; Culturas Forrageiras Regadas
	Fruteiras e Vinha Não Regadas	2	16	Fruteiras Não Regadas; Vinha Não Regada
	Culturas Temporárias Não Regadas	2	16	Outros Cereais (exceto Milho e Arroz); Culturas Forrageiras Não Regadas
	Olival Não Regado	1	8	Olival Não Regado
	Pastagens Permanentes	1	8	Pastagens Permanentes
Setor Animal		4	32	
Setor Vegetal		14	112	
Agricultura		18	144	

sejam semelhantes em termos relativos (-18,7% e -17,6%), o impacto da variação do potencial vegetal sobre o potencial agrícola total é o dobro do observado para o setor animal (cf. quadro 1).

A variação do potencial produtivo foi muito influenciada pela variação das produtividades potenciais dos sectores animal e vegetal, apesar das produtividades atribuídas aos recursos de 1999, ao nível de módulos produtivos, serem regra geral iguais às de 2009 [cf. cols. (1) a (3)].

Para se compreender esse facto, há dois pontos a ter em conta: primeiro, as produtividades variam muito por atividades; segundo, as produtividades de conjuntos de atividades são iguais à média das produtividades das atividades que os compõem, ponderadas pelos pesos nos recursos. Assim, a mudança da composição dos recursos de um conjunto de atividades pode produzir uma variação significativa da sua produtividade, sem alteração da produtividade de qualquer das atividades.

1. Evolução do Potencial Agrícola do Continente 1999-2009 – Visão Agregada

Setores Produtivos	Variação % 1999-2009			Peso no Potencial Agrícola 1999 (4)	Impactos no Potencial Agrícola do Continente (5) = (3) · (4)
	Recursos (1)	Produtividade Potencial (2)	Potencial Produtivo (3)		
Animal	-7,3%	-11,2%	-17,6%	33,4%	-5,9%
Vegetal	-3,5%	-15,8%	-18,7%	66,6%	-12,5%
Agricultura			-18,4%	100,0%	-18,4%

$$(3) = [1 + (1)] \cdot [1 + (2)] - 1$$

Logo, as grandes quebras das produtividades dos setores animal e vegetal do Continente podem ser explicadas, sobretudo, pelo reforço do peso dos módulos (e atividades) com menores produtividades.

Para se confirmar esta hipótese e apreender os fatores explicativos das evoluções do potencial e produtividades agrícolas é necessário analisar a informação com maior desagregação, recorrendo a instrumentos apropriados. O objetivo dos pontos seguintes é dar conta da concretização dessa tarefa e das ilações metodológicas e substantivas resultantes.

2. Impactos no potencial e nas produtividades agrícolas do Continente – síntese por atividades

Para se progredir na compreensão dos fatores explicativos da evolução do potencial e das produtividades e apurar a sua incidência nas diversas atividades e territórios mobiliza-se o modelo construído⁶

do qual se apresentam nas caixas de texto da página seguinte as equações de síntese.

As variáveis preponderantes na determinação dos contributos para as variações das produtividades animal e vegetal e do potencial agrícola do Continente são os pesos nos recursos, as produtividades relativas e as taxas de variação dos recursos. Nos quadros 2.1 a 2.3 apresentam-se indicadores de síntese sobre estas variáveis, por grupos de atividades e a um nível mais agregado.

Em relação às atividades animais destacam-se (quadro 2.1):

- As grandes diferenças de produtividades entre as vacas leite e os outros três grupos de atividades;
- O acentuado contraste entre os perfis de repartição dos recursos e do potencial do setor animal, o primeiro caracterizado pelo equilíbrio e o segundo pelo domínio das vacas leite (22% dos recursos e 50% do potencial);
- A radical oposição das vacas leite e das vacas aleitantes em termos de produtividades rela-

2.1. Alteração da Repartição dos Recursos e Variação do Potencial Produtivo por Grupos de Atividades Setor Animal – 1999-2009

Grupos de Atividades		Produtividade Relativa em 1999	Peso nos Recursos Animais em 1999 %	Peso no Potencial Animal em 1999 %	Peso no Potencial Agrícola em 1999 %	Variação 1999-2009 dos Recursos Efetivos em Cabeças Normais			Variação 1999-2009 do Potencial (VPP) %
						Var. CN '000	Var % do Nº de CN	Var. do Peso no Total das CN %	
		(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
(1)	Vacas Leite	2,32	21,5%	49,8%	16,6%	-70	-27,4%	-4,7%	-26,9%
(2)	Outros Bovinos	0,56	27,9%	15,7%	5,2%	-10	-3,1%	1,3%	-6,5%
(3)	Ovinos e Caprinos	0,84	28,9%	24,2%	8,1%	-82	-23,9%	-5,2%	-24,4%
(4)	Vacas Aleitantes	0,48	21,7%	10,4%	3,5%	75	29,2%	8,5%	25,5%
(5) = (3) + (4)	Vacas Aleitantes, Ovinos e Caprinos	0,68	50,6%	34,5%	11,5%	-7	-1,1%	3,4%	-9,4%
(6)	Total Animal Herbívoros	1,00	100,0%	100,0%	33,4%	-87	-7,3%	0,0%	-17,6%

Notas: – pesos no potencial = pesos nos recursos x produtividades relativas;

– variações dos pesos nos recursos = pesos iniciais x variações relativas dos recursos (quociente dos índices módulo/setor - 1);

– impactos no potencial (cf. quadro 3.1) = pesos iniciais no potencial x taxas de variação do potencial.

⁶ F. Cordovil, 2015.

Modelo de Análise da Variação do Potencial Produtivo Agrícola do Continente 1999 – 2009

Equação Reduzida do Modelo

$$T_{yc} = \frac{\Delta Y_c}{Y_{c0}} = \sum_j \sum_i \frac{\Delta Y_{ij}}{Y_{c0}} + \sum_j \sum_h \frac{\Delta Y_{hj}}{Y_{c0}} = \sum_j \sum_i E_{ij,yc} + \sum_j \sum_h E_{hj,yc} = \sum_j \sum_i \beta_{ij,vc} \cdot T_{yij} + \sum_j \sum_h \beta_{hj,ac} \cdot T_{yjh}$$

$E_{ij,yc}$ e $E_{hj,yc}$ são os impactos das atividades vegetais (**i**) e animais (**h**) dos territórios **j** na taxa de variação do potencial produtivo agrícola do Continente (T_{yc}), impactos esses que se podem desagregar em diversos fatores como se explicita *infra*.

Sendo:

Y_l – potencial produtivo da atividade **l** avaliado pelo Valor da Produção Padrão (VPP).

X_l – recursos (áreas ou efetivos pecuários) da atividade **l**.

$P_l = Y_l/X_l$ – produtividade da atividade **l**.

0 e 1 – índices representando, respetivamente, momento inicial (1999) e final (2009)

$T_z = \Delta Z/Z_0$ – taxa de variação de **Z**; $I_z = Z_1/Z_0 = T_z + 1$ – Índice de variação de **Z**

j – macro territórios; **c** – Continente = conjunto dos macro territórios.

i – atividades agrícolas de produção vegetal; **v** – Setor Vegetal = conjunto das atividades vegetais.

h – atividades agrícolas de produção animal; **a** – Setor animal = conjunto das atividades pecuárias.

β – pesos das atividades (setores) no potencial produtivo (**Y**).

α – pesos das atividades nos recursos (**X**) dos setores vegetal (áreas; ha) ou animal (gados; cabeças normais).

$q_{ij} = P_{ij}/P_{vc}$ – produtividade relativa da atividade **i** do território **j** face à produtividade vegetal no Continente.

$q_{hj} = P_{hj}/P_{ac}$ – produtividade relativa da atividade **h** do território **j** face à produtividade animal no Continente.

Fatores de Variação do Potencial Produtivo Agrícola do Continente 1999 – 2009

Variação de Recursos e Produtividade Relativa (FR)	Variação dos Recursos (FR1)
	Variação dos Recursos e Produtividade Relativa Diferencial (FR2)
$\sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot q_{ij} \cdot T_{xij} \cdot \beta_{vc,c}$ $+$ $\sum_j \sum_h \alpha_{hj} \cdot q_{hj} \cdot T_{xhj} \cdot \beta_{ac,c}$	$\sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot T_{xij} \cdot \beta_{vc,c} + \sum_j \sum_h \alpha_{hj} \cdot T_{xhj} \cdot \beta_{ac,c}$ $\sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot (q_{ij} - 1) \cdot T_{xij} \cdot \beta_{vc,c} + \sum_j \sum_h \alpha_{hj} \cdot (q_{hj} - 1) \cdot T_{xhj} \cdot \beta_{ac,c}$
Variação das Produtividades em Interação com os Recursos (FP)	
$\sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot q_{ij} \cdot T_{pij} \cdot I_{xij} \cdot \beta_{vc,c} + \sum_j \sum_h \alpha_{hj} \cdot q_{hj} \cdot T_{phj} \cdot I_{xhj} \cdot \beta_{ac,c}$	

Fatores de Variação da Produtividade Potencial Vegetal e Animal no Continente 1999 – 2009

$$T_{pvc} = \frac{\Delta P_{vc}}{P_{vc0}} = \sum_j \sum_i E_{ij,pvc} \quad e \quad T_{pac} = \frac{\Delta P_{ac}}{P_{ac0}} = \sum_j \sum_h E_{hj,pac}$$

Onde, $E_{ij,pvc}$ e $E_{hj,pac}$ são os impactos das atividades vegetais (**i**) e animais (**h**) dos territórios **j**, respetivamente, nas taxas de variação da produtividade vegetal e da produtividade animal (herbívoros) no Continente, os quais se podem desagregar em dois fatores como se explicita *infra* para o setor vegetal, aplicável analogamente aos setor animal.

$$T_{pvc} = \frac{\Delta P_{vc}}{P_{vc0}} = \sum_j \sum_i E_{ij,pvc} = \sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot (q_{ij} - 1) \cdot r_{ij} + \sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot q_{ij} \cdot T_{pij} \cdot \frac{I_{xij}}{I_{xvc}}$$

Onde: $r_{xij} = \frac{I_{xij}}{I_{xvc}} - 1$ (taxa de variação relativa dos recursos do módulo **ij**)

Produtividade Relativa Diferencial e Variação dos Recursos (FPV 1)

$$\sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot (q_{ij} - 1) \cdot r_{xij}$$

Variação das Produtividades em Interação com os Recursos (FPV 2)

$$\sum_j \sum_i \alpha_{ij} \cdot q_{ij} \cdot T_{pij} \cdot \frac{I_{xij}}{I_{xvc}}$$

tivas (2,3 vs. 0,5) e de variações dos recursos e do potencial em 1999-2009 (-27% vs. aumentos superiores a 25%) e as respectivas consequências na alteração da composição dos efetivos herbívoros (-5% vs. +9%);

- A muito forte diminuição dos efetivos e do potencial produtivo de ovinos e caprinos (-24%), superior em valor absoluto ao aumento do potencial das vacas aleitantes e que determinou, por isso, uma redução significativa do potencial global

dos efetivos pecuários mais vinculados à agricultura de sequeiro (-9%);

- Em resumo: uma redução muito significativa do potencial do setor animal (-18%), acompanhada da significativa diminuição do peso dos efetivos pecuários mais produtivos.

Nas atividades vegetais sobressaem (quadro 2.2):

- A grande redução do potencial produtivo do setor (-19%), apesar da pequena diminuição dos

2.2. Alteração da Repartição dos Recursos e do Potencial Produtivo por Grupos de Atividades Setor Vegetal – 1999-2009

Grupos de Atividades		Produ- tividade Rela- tiva em 1999	Peso nos Recur- sos Vege- tais em 1999	Peso no Poten- cial Vege- tal em 1999	Peso no Poten- cial Agrí- cola em 1999	Variação 1999-2009 dos Recursos Áreas em ha			Varia- ção 1999- 2009 do Poten- cial (VPP)
			%	%	%	Var. ha '000	Var % do Nº de ha	Var. do Peso no Total da Área	%
		(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
(1)	Fruteiras Regadas	6,18	1,5%	9,5%	6,3%	-10	-19,9%	-0,3%	-16,0%
(2)	Vinha e Olival Regados	2,61	0,8%	2,1%	1,4%	64	231,0%	2,0%	162,1%
(3) = (1) + (2)	Culturas Permanentes Regadas	4,93	2,4%	11,6%	7,7%	54	67,5%	1,7%	16,8%
(4)	Culturas Temporárias Regadas	2,34	12,8%	30,1%	20,1%	-162	-37,3%	-4,5%	-25,4%
(5)	Fruteiras e Vinhas Não Regadas	3,12	8,9%	27,7%	18,5%	-63	-21,0%	-1,6%	-26,1%
(6)	Olival Não Regado	0,37	9,5%	3,5%	2,4%	-52	-16,2%	-1,2%	-17,1%
(7)	Culturas Temporárias Não Regadas	0,64	24,7%	15,9%	10,6%	-228	-27,3%	-6,1%	-25,6%
(8)	Pastagens Permanentes	0,18	39,3%	7,0%	4,7%	391	29,3%	13,4%	7,0%
(9)	Culturas Industriais	1,73	2,4%	4,1%	2,8%	-56	-69,5%	-1,6%	-38,8%
(10) = (3) + (5) + (6)	Culturas Permanentes Total	2,07	20,7%	42,9%	28,6%	-61	-8,7%	-1,1%	-13,8%
(11) = (7) + (8)	C.Temporárias Não Regadas e Pastagens Permanentes	0,36	64,0%	22,9%	15,2%	162	7,5%	7,3%	-15,6%
(12) = (3) + (4)	Culturas Regadas	2,75	15,2%	41,7%	27,8%	-108	-21,1%	-2,8%	-13,7%
(13) = (11) + (5) + (6)	Culturas Não Regadas	0,66	82,4%	54,1%	36,1%	47	1,7%	4,4%	-21,1%
(14)	Total	1,00	100,0%	100,0%	66,6%	-118	-3,5%	0,0%	-18,7%

Notas: – pesos no potencial = pesos nos recursos x produtividades relativas;

– variações dos pesos nos recursos = pesos iniciais x variações relativas dos recursos (quociente dos índices módulo/setor - 1);

– impactos no potencial (cf. quadro 3.1) = pesos iniciais no potencial x taxas de variação do potencial.

recursos (-3,5%), o que indicia uma sensível reafetação das áreas agrícolas a atividades menos produtivas;

- Embora quase todos os grupos de atividades acompanhem esta tendência global, verificam-se duas exceções relevantes, a das culturas permanentes regadas e das pastagens permanentes, ambas com grandes aumentos dos recursos (68% e 29%) e um incremento importante do potencial produtivo (17% e 7%);
- Contudo, o significado e consequências destas duas exceções são muito diferentes, pois o impressionante alargamento da área das pastagens permanentes pobres (+390 mil ha) é o reverso da diminuição das áreas anteriormente ocupadas por utilizações mais produtivas (sobretudo, culturas temporárias, com realce para os cereais e as culturas industriais), enquanto a expansão das áreas das culturas permanentes regadas (sobretudo, olival) corresponde em geral ao alargamento das áreas regadas ou à intensificação cultural noutras que já o eram e, portanto, a um significativo aumento do potencial produtivo agrícola global;
- O impacto global muito negativo da recomposição das áreas de culturas temporárias e pastagens traduz-se de forma concludente no facto do aumento de 7% dessas áreas ter conduzido a uma diminuição de 16% do seu potencial [linha (11) do quadro 2.2];
- Ainda mais gravosos para o potencial e as produtividades agrícolas do Continente foram os expressivos recuos das áreas e do potencial das culturas temporárias regadas e das fruteiras e vinha em sequeiro, por serem culturas com produtividades relativas muito altas (cf. quadros 2.2, 3.1 e 4.1);
- Num balanço a nível mais agregado, regista-se que a evolução positiva da vinha e do olival regados foi insuficiente para impedir as significativas quedas do potencial produtivo quer das culturas permanentes, quer das culturas regadas (varia-

ções de -14% do potencial produtivo destes dois grupos de culturas, quadro 2.2);

- No cômputo global da evolução do setor vegetal a conclusão é idêntica à deduzida para o setor animal: forte redução do potencial do setor (-19%) e significativa diminuição do peso das áreas mais produtivas.

O resultado desta convergência de processos dos dois setores de produção agrícola está espelhado no quadro 2.3, onde se consolida a informação em duas classes de produtividade relativa.

A evolução global dos recursos dos módulos com maiores produtividades é muito mais gravosa do que a dos módulos com produtividades inferiores às médias setoriais. O facto das diminuições dos potenciais produtivos das duas classes de produtividade serem semelhantes no setor vegetal (-19% e -18%), apesar da evolução dos seus recursos ter sido muito diferente (-22% e +3%), é a resultante lógica da recomposição das actividades vegetais integradas na classe inferior das produtividades, materializada no drástico reforço das pastagens permanentes pobres em prejuízo das culturas temporárias não regadas, cuja produtividade era, em média, equivalente a 3,6 vezes a da pastagens permanentes [0,64/0,18, cf. col. (1) do quadro 2.2].

Desta conjugação de circunstâncias resultou uma forte queda do potencial agrícola (-18,4%), sendo a evolução na classe com maiores produtividades ainda pior (-21%), devido essencialmente ao ocorrido no setor animal onde a diminuição do potencial dessa classe excedeu em 20% a da classe dos módulos (e atividades) com menores produtividades [-27% vs. -7%, cf. col (8)].

A análise a que se procedeu da informação compilada nos quadros 2.1 a 2.3 ajuda a compreender os resultados apresentados no quadro 3.1 sobre os fatores explicativos da evolução do potencial agri-

2.3. Alteração da Repartição dos Recursos e do Potencial Produtivo do Continente – 1999-2009 Síntese por Classes de Produtividade Relativa

Classes de Produtividade Relativa dos Módulos Produtivos		Produtividade Relativa em 1999	Peso nos Recursos do Setor em 1999 %	Peso no Potencial do Setor em 1999 %	Peso no Potencial Agrícola em 1999 %	Variação dos Recursos		Variação 1999-2009 do Potencial (VPP) %
Setor	Classe					Var. %	Var. do Peso nos Recursos do Setor %	
		(1)	(2)	(3) = (1) · (2)	(4)	(6)	(7)	(8)
Animal	>= 1	2,15	25,2%	54,3%	18,1%	-26,7%	-5,3%	-26,6%
	< 1	0,61	74,8%	45,7%	15,3%	-0,8%	5,3%	-7,1%
	Total	1,00	100,0%	100,0%	33,4%	-7,3%	0,0%	-17,6%
Vegetal	>= 1	2,83	26,3%	74,3%	49,5%	-21,6%	-4,9%	-19,0%
	< 1	0,35	73,7%	25,7%	17,1%	3,0%	4,9%	-18,1%
	Total	1,00	100,0%	100,0%	66,6%	-3,5%	0,0%	-18,7%
Agricultura TOTAL	>= 1				67,6%			-21,0%
	< 1				32,4%			-12,9%
	Total				100,0%			-18,4%

Notas: – pesos no potencial = pesos nos recursos x produtividades relativas;
 – variações dos pesos nos recursos = pesos iniciais x variações relativas dos recursos (quociente dos índices módulo/setor - 1);
 – impactos no potencial (cf. quadro 3.2) = pesos iniciais no potencial x taxas de variação do potencial.

cola do Continente em 1999-2009, apurados com base no modelo construído (cf. acima as equações de síntese).

Para interpretar corretamente a informação do quadro 3.1 é necessário ter presente os seguintes tópicos:

- (1º) Os apuramentos realizados com base o modelo são concretizados ao nível dos módulos produtivos, sendo toda a informação mais agregada resultante da soma dos resultados obtidos a esse nível;
- (2º) Assim, só é possível obter resultados precisos a níveis superiores ao dos módulos por aplicação direta das equações do modelo quando estas permanecem válidas nesse âmbito; por exemplo, os valores da coluna (1) do quadro 3.1 são calculáveis por multiplicação dos valores das colunas (3) e (8) dos quadros 2.1 ou 2.2; mas os resultados apresentados nas colunas (2) e (4) do quadro 3.1 já não o são ao nível agregado, neste caso, o dos grupos de atividades;

- (3º) Os resultados do quadro 3.1, por grupos de atividades, refletem a soma ponderada dos estimados para os módulos produtivos pertencentes a esse grupo, os quais podem ou não ter tido evoluções semelhantes face aos fenómenos em análise, pelo que a visão agregada do grupo pode não ser representativa de todos os seus módulos produtivos;

- (4º) Sem prejuízo desta prevenção, regra geral a informação apresentada sobre cada um dos grupos de atividades reflete traços preponderantes nos módulos produtivos que os compõem, pois a organização desses grupos obedeceu, entre outros critérios, ao objetivo de limitar a sua heterogeneidade interna.

Observando a primeira coluna do quadro 3.1, apreende-se o sinal e a intensidade dos impactos (contributos) dos vários grupos de atividades na variação do potencial agrícola, sendo notório que os sinais desses impactos estão alinhados com os das variações dos recursos e do potencial (quadros 2.1 e 2.2) e, também, que a intensidade do impacto atribuível a cada grupo é tanto maior quanto maio-

3.1. Impactos no Potencial Agrícola do Continente 1999-2009, Síntese dos Fatores Explicativos, por Grupos de Atividades

Grupos de Atividades		Impacto na Variação % do Potencial Pro- dutivo Agrícola do Continente %	Fatores de Variação do Potencial Agrícola do Continente 1999-2009			
			FR Variação dos Recursos e Produtividade Relativa %			FP Variação das Produtividades %
			TOTAL	FR1 Variação dos Recursos	FR2 Variação dos Recursos e Pro- dutividade Rela- tiva Diferencial	
Setor	Grupo	(1) = (2) + (5)	(2) = (3) + (4)	(3)	(4)	(5)
Animal	Vacas Leite	-4,5%	-4,4%	-2,0%	-2,5%	0,0%
	Ovinos e Caprinos	-2,0%	-1,9%	-2,3%	0,4%	-0,1%
	Outros Bovinos	-0,3%	-0,3%	-0,3%	0,0%	0,0%
	Vacas Aleitantes	0,9%	0,9%	2,1%	-1,2%	0,0%
Vegetal	Fruteiras Regadas	-1,0%	-1,0%	-0,2%	-0,8%	0,0%
	Vinha e Olival Regados	2,3%	2,6%	1,3%	1,4%	-0,3%
	Horticultura Extensiva	0,6%	0,6%	0,0%	0,5%	0,1%
	Outras Culturas Temporárias Regadas	-5,7%	-5,9%	-3,2%	-2,7%	0,2%
	Fruteiras e Vinha Não Regadas	-4,8%	-4,8%	-1,2%	-3,5%	0,0%
	Culturas Industriais	-1,1%	-1,9%	-1,1%	-0,7%	0,8%
	Culturas Temporárias Não Regadas	-2,7%	-2,5%	-4,5%	2,0%	-0,2%
	Olival Não Regado	-0,4%	-0,4%	-1,0%	0,6%	0,0%
	Pastagens Permanentes	0,3%	0,01	7,7%	-6,3%	-1,0%
Setor Animal		-5,9%	-5,7%	-2,4%	-3,3%	-0,1%
Setor Vegetal		-12,5%	-11,9%	-2,3%	-9,6%	-0,6%
Agricultura		-18,4%	-17,7%	-4,8%	-12,9%	-0,7%

res são o seu peso no potencial produtivo agrícola e a taxa de variação do seu potencial. Comparando, por exemplo, os dados referentes às vacas leite e aos ovinos e caprinos, verifica-se que, embora as taxas de variação dos seus potenciais sejam semelhantes, o impacto do segundo grupo é muito inferior ao do primeiro devido à grande superioridade do peso das vacas leite no potencial agrícola.

Por sua vez, o peso dos grupos de atividades no potencial é igual ao produto da produtividade relativa pelo peso nos recursos (cf. quadros 2.1 e 2.2) e o índice de variação do potencial equivale ao produto

dos índices de variação dos recursos e da produtividade. Mas a evolução da produtividade do grupo pode refletir sobretudo a alteração da composição dos seus recursos e não as variações de produtividade dos módulos produtivos.

O objetivo fundamental do modelo é, justamente, quantificar separadamente, por um lado, os efeitos explicáveis apenas pela dinâmica dos recursos e sua interação com a produtividade relativa [cols. (2) a (4)] e, por outro, aqueles em que intervêm também a variação das produtividades dos módulos produtivos [col. (5)].

Analisando a decomposição dos fatores explicativos da variação do potencial agrícola do Continente (quadro 3.1), retêm-se duas conclusões gerais:

- O fator *variação das produtividades* tem uma influência insignificante na evolução do potencial, o que é lógico dada a hipótese de estabilidade das produtividades dos módulos produtivos subjacente ao presente exercício;
- O subfator *variação dos recursos e produtividade relativa diferencial*⁷ tem uma interferência preponderante na determinação do valor global dos impactos na variação do potencial agrícola, identificável nos dois setores, embora de forma mais acentuada no vegetal.

Considerando os tipos de impacto, os treze grupos de atividades reúnem-se em quatro conjuntos.

O primeiro inclui seis grupos, dois animais e quatro vegetais, todos com impacto negativo no potencial agrícola e sinais também negativos nos dois subfatores da *variação de recursos e produtividade relativa*, sendo este conjunto o mais influente na diminuição do potencial agrícola do Continente, pois o seu contributo orça -17,4%, um valor próximo da quebra do potencial total (-18,4%). Três desses seis grupos – *vacas leite*, *outras culturas tem-*

porárias regadas e fruteiras e vinha não regadas – assumem o papel decisivo, pois determinam um impacto conjunto de -15%. O que explica esse resultado tão negativo são o elevado peso destes grupos no potencial, determinado pela conjugação de altas produtividades e forte peso nos recursos, e as grandes reduções dos seus recursos e potencial.

O segundo conjunto é composto por três grupos – *ovinos e caprinos, culturas temporárias não regadas e olival não regado* – que contribuíram também para a diminuição do potencial agrícola (-5,1%), neste caso, devido ao forte recuo dos seus recursos.

O terceiro conjunto inclui dois grupos – *vacas aleitantes e pastagens permanentes* – que contribuem para aumentar o potencial agrícola (1,2%), embora de forma muito limitada, devido às suas reduzidas produtividades e apesar do grande aumento dos seus recursos.

O quarto e último integra dois grupos de atividades vegetais – *vinha e olival regados e horticultura extensiva* – cujo contributo para o aumento do potencial produtivo agrícola (2,9%), apesar de modesto, se enraíza em fatores estruturais (produtividade relativas) e dinâmicos (taxas de variação dos recursos e do potencial) globalmente positivos.

Da análise por grandes subsistemas produtivos dos impactos sobre o potencial agrícola, conclui-se:

- (1º) As evoluções em 1999-2009 dos sistemas de regadio e de sequeiro⁸, globalmente considerados, contribuíram em grau semelhante para reduzir o potencial agrícola do Continente (impactos respetivamente de -8,3% e -8,7%);

⁷ Note-se que no cálculo do subfator *variação dos recursos e produtividade relativa diferencial* a taxa de variação dos recursos é multiplicada pela produtividade relativa diferencial, que tem valor negativo quando a produtividade relativa é menor que um. Daí resulta que o valor deste subfator é positivo quando a taxa de variação dos recursos e a produtividade relativa diferencial são ambas negativas ou ambas positivas e negativo quando as duas variáveis têm sinais contrários. O que é lógico, pois este subfator visa registar os efeitos negativos da diminuição do peso dos módulos com produtividades superiores à média setorial e do aumento dos que têm produtividades inferiores a essa média. Tal não altera a coincidência dos sinais do fator *variação de recursos e produtividade relativa* e da taxa de variação dos recursos, pois no seu cálculo essa taxa é a única variável interveniente que pode assumir valores negativos.

⁸ Não se incluem as atividades *outros bovinos e culturas industriais*, cujo impacto conjunto no potencial agrícola foi de -1,4%, porque têm componentes significativas nos sistemas de regadio e de sequeiro, sem que seja possível estimar os respetivos pesos com base na informação utilizada.

3.2. Impactos no Potencial Agrícola do Continente 1999-2009

Síntese dos Fatores Explicativos, por classes de Produtividade Relativa

Classes de Produtividade Relativa dos Módulos Produtivos		Impacto na Variação % do Potencial Produtivo Agrícola do Continente %	Fatores de Variação do Potencial Agrícola do Continente 1999-2009			
			FR Variação dos Recursos e Produtividade Relativa %			FP Variação das Produtividades %
			TOTAL	FR1 Variação dos Recursos	FR2 Variação dos Recursos e Produtividade Relativa Diferencial	
Sector	Classe	(1) = (2) + (5)	(2) = (3) + (4)	(3)	(4)	(5)
Animal	>= 1	-4,8%	-4,8%	-2,2%	-2,5%	0,0%
	< 1	-1,1%	-1,0%	-0,2%	-0,8%	-0,1%
	Total	-5,9%	-5,7%	-2,4%	-3,3%	-0,1%
Vegetal	>= 1	-9,4%	-10,0%	-3,8%	-6,2%	0,6%
	< 1	-3,1%	-2,0%	1,5%	-3,4%	-1,1%
	Total	-12,5%	-11,9%	-2,3%	-9,6%	-0,6%
Agricultura TOTAL	>= 1	-14,2%	-14,7%	-6,0%	-8,7%	0,5%
	< 1	-4,2%	-2,9%	1,3%	-4,2%	-1,2%
	Total	-18,4%	-17,7%	-4,8%	-12,9%	-0,7%

(2º) No regadio apenas as culturas permanentes, mercê da evolução da vinha e sobretudo do olival, deram um contributo positivo (1,3%), sendo muito negativos os impactos globais das vacas leite (-4,5%) e das culturas temporárias regadas (-5,1%);

(3º) No sequeiro, quer os sistemas culturas temporárias/pastagens/herbívoros (vacas aleitantes, ovinos e caprinos), quer as culturas permanentes produziram impactos negativos significativos no potencial agrícola (respetivamente, -3,5% e -5,2%).

Do exposto, não surpreende que a síntese baseada na classificação dos módulos produtivos em duas grandes classes de produtividade relativa (quadro 3.2) revele de forma expressiva que a principal causa da diminuição do potencial produtivo do Continente foi o grande recuo das atividades com produtividades superiores às médias dos respeti-

vos setores: cerca de 75% da variação negativa do potencial (-14,2% vs. -18,4%) é imputável à classe superior das produtividades, uma proporção que se mantém na mesma ordem de grandeza nos setores animal e vegetal, individualmente considerados (-4,8% vs. -5,9% e -9,4% vs -12,5%).

Os tópicos principais a destacar, na análise dos fatores explicativos da evolução das produtividades dos setores animal e vegetal⁹ (quadros 4.1 e 4.2), são:

(1º) As evoluções das produtividades potenciais dos setores de produção animal e vegetal são quase exclusivamente explicadas pela conjugação das *produtividades relativas diferenciais*

⁹ A modelização dos fatores explicativos da evolução da produtividade é mais complexa do que a do potencial produtivo, sendo objeto de análise circunstanciada em F. Cordovil (2015; 2016).

4.1. Impactos nas Produtividades Animal e Vegetal do Continente 1999-2009 Síntese dos Fatores Explicativos, por Grupos de Atividades

Grupos de Atividades		Impacto na Variação % da Produtividade Setor do Continente %	Fatores de Variação da Produtividade Potencial Animal e Vegetal 1999-2009	
Setor	Grupo		FPV1 Produtividade Relativa Diferencial e Variação dos Recursos (2)	FPV2 Variação das Pro- dutividades (3)
Animal	Vacas Leite	-5,9%	-5,8%	-0,1%
	Ovinos e Caprinos	0,7%	0,9%	-0,2%
	Outros Bovinos	-1,1%	-1,0%	-0,1%
	Vacas Aleitantes	-4,9%	-4,8%	-0,1%
Vegetal	Fruteiras Regadas	-1,0%	-0,9%	0,0%
	Vinha e Olival Regados	1,7%	2,2%	-0,5%
	Horticultura Extensiva	1,2%	1,1%	0,1%
	Outras Culturas Temporárias Regadas	-3,6%	-3,9%	0,3%
	Fruteiras e Vinha Não Regadas	-4,9%	-4,8%	-0,1%
	Culturas Industriais	0,1%	-1,1%	1,2%
	Culturas Temporárias Não Regadas	2,5%	2,8%	-0,3%
	Olival Não Regado	0,7%	0,8%	0,0%
	Pastagens Permanentes	-12,6%	-11,0%	-1,6%
Setor Animal		-11,2%	-10,7%	-0,4%
Setor Vegetal		-15,8%	-14,9%	-0,9%

com as *taxas de variação relativa dos recursos*¹⁰ dos módulos produtivos, pois a interferência das variações das produtividades dos módulos é insignificante, em virtude de se admitir neste exercício, como regra geral, a estabilidade dessas produtividades;

(2º) A forte diminuição das produtividades dos setores animal e vegetal (-11,2% e -15,8%) explica-

-se pela inserção predominante dos módulos produtivos em duas combinações contrastadas das produtividades relativas com a variação dos recursos, que têm o mesmo tipo de impacto nas produtividades setoriais: por um lado, fortes variações negativas dos recursos de módulos (e atividades) com altas produtividades relativas, por outro, grandes aumentos dos recursos de módulos com produtividades muito inferiores às dos setores;

(3º) Dado que estes dois tipos de evolução contribuem ambos para uma recomposição dos recursos em favor das atividades com produtividades mais baixas, convergem logicamente no sentido da diminuição das produtividades dos setores vegetal e animal, concorrendo assim para que os contributos dos módu-

¹⁰ A *produtividade relativa diferencial* é igual à produtividade relativa subtraída da unidade, ou seja, ao quociente da divisão da diferença entre a produtividade do módulo e a produtividade do setor, pela produtividade do setor; a *taxa de variação relativa dos recursos* é igual ao quociente da divisão do índice de variação dos recursos do módulo pelo índice correspondente do setor menos 1, o que equivale ao quociente da divisão da diferença entre índices pelo índice de variação dos recursos do setor (cf. equações do modelo).

4.2. Impactos nas Produtividades Animal e Vegetal do Continente em 1999-2009, Fatores por Classes de Produtividade Relativa

Classes de Produtividade Relativa dos Módulos Produtivos		Impacto na Variação % da Produtividade Setor do Continente % (1) = (2) + (3)	Fatores de Variação da Produtividade Potencial Animal e Vegetal 1999-2009	
Setor	Classe		FPV1 Produtividade Relativa Diferencial e Variação dos Recursos (2)	FPV2 Variação das Produtividades (3)
Animal	>= 1	-6,0%	-5,9%	-0,1%
	< 1	-5,2%	-4,8%	-0,4%
	Total	-11,2%	-10,7%	-0,4%
Vegetal	>= 1	-7,0%	-7,9%	0,9%
	< 1	-8,8%	-7,1%	-1,8%
	Total	-15,8%	-14,9%	-0,9%

los das duas grandes classes de produtividade relativa para a diminuição das produtividades animal e vegetal sejam semelhantes (quadro 4.2);

(4º) Nos grupos de atividades com altas produtividades relativas, os impactos determinantes do contributo negativo para a evolução da produtividade concentram-se nas vacas leite (setor animal) e nas culturas temporárias regadas (excluída a horticultura extensiva) e fruteiras e vinhas não regadas (setor vegetal); os contributos, também negativos, dos grupos de atividades com baixas produtividades polarizam-se quase exclusivamente nas vacas aleitantes e nas pastagens permanentes, devido ao grande reforço do seu peso nos recursos dos respetivos setores (quadros 2.1, 2.2 e 4.1);

(5º) Em contratendência dos impactos negativos na produtividade, surgem dois conjuntos: o dos grupos de atividades com baixas produtividades cujo peso nos recursos declinou (ovinos e caprinos; culturas temporárias não regadas; e olival não regado); e o dos grupos com altas produtividades que ganharam terreno no setor vegetal, ou seja, a vinha e olival regados e a horticultura extensiva (quadro 4.1);

(6º) Os significados e implicações das evoluções destes dois conjuntos são muito diferentes: no primeiro caso, o contributo potencialmente positivo (0,7% e 3,2%, respetivamente nos setores animal e vegetal) foi submergido pelos impactos de sinal contrário resultantes do correlativo reforço do peso das vacas aleitantes (impacto de -4,9% na produtividade animal) e das pastagens pobres (impacto de -12,6% na produtividade vegetal) na agricultura de sequeiro; enquanto no segundo correspondem a processos sustentados de expansão efetiva, embora territorialmente concentrada, de atividades com elevadas produtividades.

3. Alteração da repartição territorial dos recursos e do potencial produtivo agrícola do Continente

Ao iniciar a análise dos fatores explicativos da evolução do potencial produtivo por grupos de atividades, chamou-se a atenção para os módulos produtivos cujas evoluções diferem significativamente da trajetória dominante no grupo onde se inserem. A abordagem territorial, a que se dedica este último ponto, impõe que se retome essa pista, que é essencial para se compreender a grande alteração em 1999-2009 da repartição territorial dos recursos e do potencial agrícola.

5. Evolução dos Recursos dos Setores Animal e Vegetal do Continente, por Macro Territórios

	Variação % dos Recursos Setor Animal 1999-2009	Peso nos Recursos do Setor Animal			Variação % dos Recursos Setor Vegetal 1999-2009	Peso nos Recursos do Setor Vegetal		
		“em 1999 %”	em 2009 %	Δ 2009-1999 %		em 1999 %	em 2009 %	Δ 2009-1999 %
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Norte e Centro Litoral	-22,8%	26,2%	21,8%	-4,4%	-25,4%	8,6%	6,7%	-2,0%
Oeste e Lisboa-Setúbal	-25,0%	7,3%	5,9%	-1,4%	-20,0%	5,6%	4,6%	-1,0%
Algarve	-34,2%	1,5%	1,0%	-0,4%	-17,4%	2,6%	2,2%	-0,4%
Norte e Centro Interior	-18,4%	13,0%	11,5%	-1,6%	-9,2%	16,4%	15,4%	-1,0%
Transição Centro	-34,9%	8,0%	5,6%	-2,4%	-28,2%	7,8%	5,8%	-2,0%
Douro Vitícola	-28,4%	0,9%	0,7%	-0,2%	-8,3%	2,9%	2,8%	-0,1%
Beira Baixa e Alentejo	12,3%	15,7%	19,0%	3,3%	4,3%	21,5%	23,3%	1,7%
Alentejo e Lezíria	16,5%	27,4%	34,4%	7,0%	9,6%	34,6%	39,2%	4,7%
Continente	-7,3%	100,0%	100,0%	0,0%	-3,5%	100,0%	100,0%	0,0%

Analisando os resultados referentes às taxas de variação dos recursos [cols. (1) e (5) do quadro 5] e do potencial produtivo [cols. (4) a (6) do quadro 6] dos Macro Territórios conclui-se:

- (1º) Na hierarquia das variações do potencial produtivo, identificam-se quatro situações: a primeira abarca cinco dos oito Macro Territórios, os três do norte e centro do Continente e, ainda, o Oeste e Lisboa-Setúbal e o Algarve, com enormes recuos do potencial produtivo, incidentes no setor animal e no setor vegetal; segue-se a Beira Baixa e Alentejo (‘regressivo’) também com uma quebra acentuada de potencial (-15%), embora ligeiramente inferior à do Continente (-18%); o Douro Vitícola, um território especializado na viticultura, apresenta uma redução muito ligeira de potencial (-3%); por fim, o Alentejo e Lezíria destaca-se dos outros, dado o aumento do seu potencial;
- (2º) Observando as relações entre as variações dos recursos e as do potencial detetam-se outras clivagens, merecendo especial realce,

por um lado, o Douro Vitícola, por ser o único onde a evolução do potencial é mais favorável do que a dos recursos e, no pólo oposto, o Norte e Centro Interior e a Beira Baixa e Alentejo onde a trajetória do potencial produtivo se afasta muito e para pior das evoluções dos recursos animais e vegetais; logicamente, no primeiro caso houve uma recomposição produtiva impulsionadora do aumento da produtividade e no segundo uma acentuada degradação das produtividades animal e vegetal em dois territórios que, à partida, já estavam num posição muito desfavorável.

No contexto duma evolução global negativa, as disparidades das evoluções em 1999-2009 dos vários Macro Territórios explicam a grande alteração, apenas numa década, da repartição territorial do potencial produtivo agrícola. O Alentejo e Lezíria foi o único ganhador (a sua quota passa de 23% para 29% do potencial agrícola do Continente) e os grandes perdedores foram os territórios do norte e centro, quer na vertente atlântica (o peso do Norte e Centro Litoral, mercê da quebra de 27% do seu potencial, reduz-se em 2,3%), quer na do interior (o

6. Evolução do Potencial Produtivo Agrícola do Continente, por Setores e por Macro Territórios

	Peso no Potencial Produtivo Agrícola do Continente em 1999			“Variação % do Potencial Produtivo 1999-2009			Peso no Potencial Produtivo do Continente em 2009			Δ Peso % no Potencial Agrícola (10) = (9) - (3)
	Setor Animal	Setor Vegetal	Agrícola Total	Animal	Vegetal	Agrícola Total	Setor Animal	Setor Vegetal	Agrícola Total	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	
Norte e Centro Litoral	12,6%	8,5%	21,1%	-24,3%	-31,9%	-27,4%	11,7%	7,1%	18,8%	-2,3%
Oeste e Lisboa-Setúbal	2,9%	12,1%	15,0%	-29,3%	-22,2%	-23,5%	2,5%	11,5%	14,0%	-0,9%
Algarve	0,3%	3,1%	3,4%	-41,3%	-33,3%	-34,1%	0,2%	2,5%	2,8%	-0,7%
Norte e Centro Interior	3,9%	8,1%	12,0%	-30,2%	-25,0%	-26,7%	3,4%	7,4%	10,8%	-1,2%
Transição Centro	3,2%	7,2%	10,4%	-38,6%	-33,2%	-34,9%	2,4%	5,9%	8,3%	-2,1%
Douro Vitícola	0,2%	3,7%	3,9%	-29,5%	-1,5%	-3,1%	0,2%	4,4%	4,6%	0,7%
Beira Baixa e Alentejo	4,1%	6,8%	10,9%	-2,9%	-22,2%	-14,9%	4,9%	6,4%	11,3%	0,5%
Alentejo e Lezíria	6,1%	17,2%	23,4%	12,5%	-0,6%	2,9%	8,4%	21,0%	29,4%	6,1%
Continente	33,4%	66,6%	100,0%	-17,6%	-18,7%	-18,4%	33,7%	66,3%	100,0%	0,0%

peso conjunto do Norte e Centro Interior e da Transição Centro diminuiu 3,3%).

Estas alterações de potencial relativo dos Macro Territórios não foram apenas o reflexo na dimensão territorial da dinâmica das atividades, que beneficiou os espaços mais especializados nas atividades com uma evolução mais favorável. De facto, existiu conexão causal entre as evoluções do potencial das atividades e dos territórios. Por exemplo, a drástica quebra do potencial de produção leiteira penalizou sobretudo o Norte e Centro Litoral, enquanto o grande aumento do efetivo de vacas aleitantes beneficiou principalmente a Beira Baixa e Alentejo e o Alentejo e Lezíria e, em menor grau, algumas zonas do Norte e Centro Interior.

Mas há também importantes exemplos que escapam a este tipo de explicação, dos quais se referem três elucidativos.

O primeiro localiza-se na própria atividade vacas leite, cujo potencial aumentou 26% no Alentejo e

Lezíria, no quadro da diminuição global de 27%, o que permitiu a este território passar de uma quota de 9% para 15% do potencial desta atividade no Continente.

O segundo é a horticultura extensiva, cujo potencial aumentou 10% no Continente, exclusivamente com base no Oeste e Lisboa-Setúbal e, sobretudo, no Alentejo e Lezíria, tendo este último mercê de um aumento de 26% passado a deter, em 2009, 58% do potencial da atividade, contra 50% em 1999.

O terceiro e último exemplo são as culturas permanentes regadas. O acréscimo do seu potencial foi de 17%, devido apenas à dinâmica da vinha e do olival regados e concentrou-se principalmente nos regadios do sul. O crescimento em 1999-2009 do potencial do Alentejo e Lezíria nas culturas permanentes regadas foi de 185%, passando de uma quota de 12% para 30% do total do Continente.

Neste artigo, de análise da evolução do potencial produtivo e das produtividades agrícolas em Portugal Continental na década de 2000, deu-se a primazia ao objetivo metodológico de apresentar e testar empiricamente um modelo construído para ajudar a interpretar processos complexos de evolução da produção e das produtividades agrícolas ancorados em espaços caracterizados por grande diversidade territorial.

Espera-se que possa contribuir para que interpretações mais substantivas¹¹ e a desejável controvérsia sobre estes processos, em particular no contexto nacional e europeu, sejam baseados numa perceção mais objetiva e partilhada sobre as causas dos factos que observamos, dos problemas que enfrentamos e das possíveis vias para os resolver.

¹¹ Nesta ótica, tocando a evolução da agricultura portuguesa, as políticas públicas e outros fatores influentes na sua trajetória, cf. J. Cabral Rolo e F. Cordovil (2014) e F. Cordovil (2015a), “Desenvolvimento, Território e Política Agrícola. Portugal 2015”, in *Pessoas e Lugares*, n.º 18, Junho 2015.